

Aula de Literatura Brasileira VI

FFLCH-USP

Prof. Jaime Ginzburg

15 de outubro de 2020

BORGES, Jorge Luis. Os dois reis e os dois labirintos. In: _____. *O aleph*. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

OS DOIS REIS E OS DOIS LABIRINTOS

Contam os homens dignos de fé (porém Alá sabe mais) que nos primeiros dias houve um rei das ilhas da Babilônia que reuniu seus arquitetos e magos e ordenou a construção de um labirinto tão perfeito e sutil que os varões mais prudentes não se aventuravam a entrar nele, e os que nele entravam se perdiam. Essa obra era um escândalo, pois a confusão e a maravilha são atitudes próprias de Deus e não dos homens. Com o correr do tempo, chegou à corte um rei dos árabes, e o rei da Babilônia (para zombar da simplicidade de seu hóspede) fez com que ele penetrasse no labirinto, onde vagueou humilhado e confuso até o fim da tarde. Implorou então o socorro divino e encontrou a saída. Seus lábios não pronunciaram nenhuma queixa, mas disse ao rei da Babilônia que tinha na Arábia um labirinto melhor e, se Deus quisesse, lho daria a conhecer algum dia. Depois regres-

Tradição oral e narrativa literária escrita

“Contam os homens dignos de fé (...)”

“nos primeiros dias”

Jorge Luis Borges utiliza um recurso que evoca a tradição oral. Outros escritores que realizam esse procedimento: Nikolai Leskov, Simões Lopes Neto, Guimarães Rosa.

Narrador

Falar em “narrador” consiste em abordar a voz que enuncia a narrativa.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.200. Considerar “Os obedientes” e “Os dois reis e os dois labirintos”.

reitores pequenas histórias científicas em seu *Stein* (*Caixa de tesouros*). Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida — de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta

Narrador

“Perspectiva” - “é a expressão de uma relação entre dois pólos, sendo um o homem e o outro o mundo projetado” (ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 2015. p.87.)

Em uma narrativa, a perspectiva pode ser mantida de modo estável, ou passar por transformações.

Narrador

“O foco narrativo é um recurso utilizado pelo narrador para enquadrar a história de um determinado ângulo” (FRANCO JR., Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T. & ZOLIN, Lúcia, orgs. *Teoria Literária*. Maringá: Ed.UEM, 2003. p.41)

“Posição do narrador” consiste em um ponto de referência a partir do qual o narrador relata a estória.

Narrador

O aprofundamento da “pesquisa científica levou a hipótese de o indivíduo consciente e racional ser apenas um ente fictício, epidérmico. Esta consciência individual seria apenas uma tênue camada, uma onda fugaz no mar insondável do inconsciente anônimo” (ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969 . p.89)

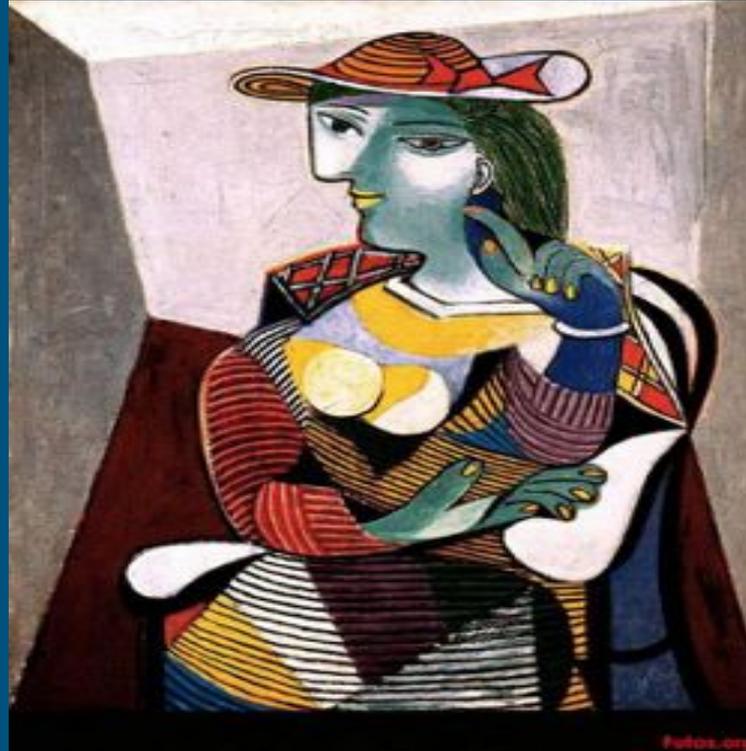
A forma do retrato: Leonardo da Vinci, “Mona Lisa” - 1503

slide de 17/9/2020



Pablo Picasso, "Mujer Sentada" - 1949

slide de 17/9/2020



BALZAC, Honoré de. A paz do lar. In: _____. *Histórias fascinantes*. São Paulo: Cultrix, 1960.



AVENTURA representada por esta Cena passou-se em fins do mês de novembro de 1809, momento em que o fugaz império de Napoleão atingiu o apogeu de seu esplendor. As fanfarras da vitória de Wagram ressoavam ainda no coração da monarquia austríaca. Assinava-se a paz entre a França e a Coalisão. Os reis e os príncipes vieram então, como astros, cumprir suas evoluções em tórno de Napoleão, que se deu ao prazer de atrelar a Europa ao seu carro de triunfo, magnífico esboço do poderio que ele desenvolveu mais tarde em Dresde.

BALZAC, Honoré de. A paz do lar. In: _____. *Histórias fascinantes*. São Paulo: Cultrix, 1960.

Nunca, no dizer dos contemporâneos, Paris viu mais lindas festas que as que precederam e seguiram o casamento desse soberano com uma arquiduquesa da Áustria. Nunca, nos maiores dias da antiga monarquia, tantas fronte coroadas se apresentaram nas margens do Sena, e nunca a aristocracia francesa foi tão rica nem tão brilhante, como nessa época. Os diamantes espalhados em profusão nos adornos, os recamos de ouro e prata dos uniformes, contrastavam tão bem com a indigência republicana, que nos parecia ver tôdas as riquezas do globo a rolar em nos salões de Paris.

Funções do narrador em “A paz do lar”

Situar no tempo e no espaço os acontecimentos do narrador.

O narrador expõe uma consciência segura sobre o que vai relatar.

Indicar data (1809) e local (Paris). Isso contribui para a função referencial do discurso.

Comentários são organizados de acordo com opiniões sustentadas.

Opiniões não abrem incertezas ou dúvidas.

Narrador

Em “O realismo e a forma romance”, Ian Watt associa René Descartes ao realismo na literatura.

Para o teórico, o filósofo René Descartes contribuiu muito para a “concepção moderna da busca da verdade” (WATT, 14).

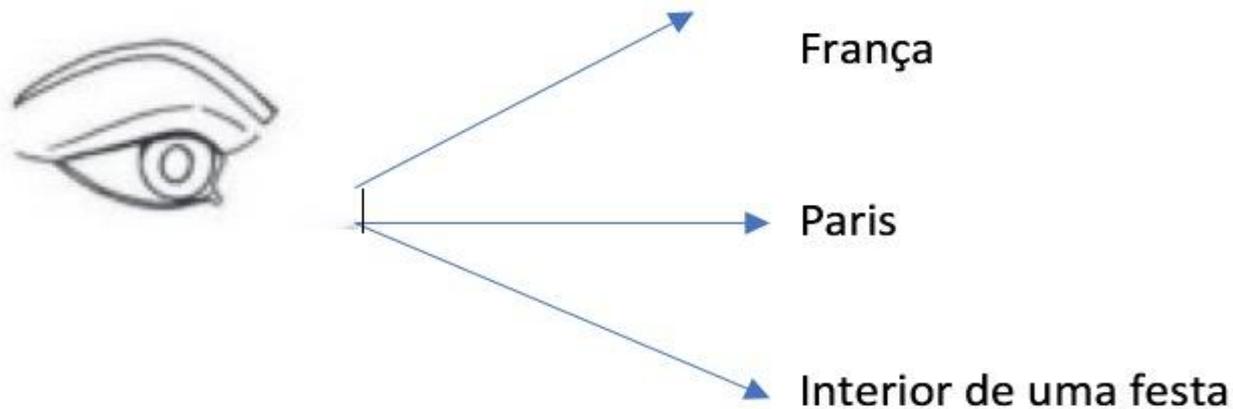
A grandeza de Descartes reside sobretudo no método, na firme determinação de não aceitar nada passivamente; e seu *Discurso sobre o método* (1637) e suas *Meditações* contribuíram muito para a concepção moderna da busca da verdade como uma questão inteiramente individual, logicamente independente da tradição do pensamento e que tem maior probabilidade de êxito rompendo com essa tradição.

→ O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. [As formas literárias anteriores

(p.14)

- Refletir sobre a relação entre pensamento cartesiano e narração realista.

BALZAC, Honoré de. A paz do lar. In: _____. *Histórias fascinantes*. São Paulo: Cultrix, 1960. Não há instabilidade durante o processo de narração. A segurança, clareza e continuidade lógica contribuem para o efeito de real. Para Lukács, existe similaridade entre a narrativa literária realista e a narrativa de um historiador.



BALZAC, Honoré de. A paz do lar. In: _____. *Histórias fascinantes*. São Paulo: Cultrix, 1960.

Pode-se considerar o coração dos diplomatas como um problema insolúvel, porque distinguimos os três mais ilustres embaixadores da época pela persistência da antipatia e pelas ligações românticas.

Não obstante, Marçal pertencia a esta classe de homens capazes de calcular o seu futuro no meio dos mais ardentes prazeres; julgara já o mundo e escondia sua ambição sob a fatuidade do aventureiro galante, dissimulando seu talento sob as librés da mediocridade, depois de ter notado a rapidez com a qual avançavam as pessoas que causavam pouca suspeita ao chefe.

Funções do narrador em “A paz do lar”

O narrador tem um discurso crítico sobre os personagens.

Aborda negativamente os diplomatas.

Acusa o personagem Marçal de dissimulado.

As opiniões são apresentadas de modo direto e convicto.

Narração e interação

DOSTOIÉVSKI:

“Respondei-me a isto”

A função da frase interrogativa.

A função da memória de episódios dolorosos.

DOSTOIÉVSKI. O subsolo.

Entretanto — estou firmemente convencido — a consciência, toda consciência é uma enfermidade. Eu o sustento. Mas deixemos isto por agora. Respondei-me a isto: como era possível que sempre, no instante mesmo — sim, como se fosse de propósito — precisamente no instante em que eu era o mais capaz de apreciar todas as nuances do belo, do sublime, como se dizia entre nós há pouco tempo (*), me acontecesse não somente pensar, mas fazer coisas tão incongruentes que... ações, para ser breve, que todos

levam a cabo talvez bem, mas que eu praticava justamente quando tinha perfeita consciência de que era preciso me abster? Quanto mais o bem e todas as coisas "belas e sublimes" se tornavam claras à minha consciência, mais profundamente eu me afundava na minha lama, mais eu me sentia capaz de me enterrar definitivamente. Porém o que era particularmente notável, é que esse desacordo não

Narrador (conforme o caso de “O subsolo”)

“(...) o discurso de um narrador nunca se pode tornar um discurso puramente objetivado (...)”. Ele é importante por “sua maneira típica ou individual de pensar, de sentir, de falar, mas, acima de tudo, sua maneira de ver e representar, pois nisto consiste sua função direta (...)” (BAKHTIN, p.468)

Um narrador que possa parecer inconsistente, em termos realistas ou com base em esquemas psicológicos, poderia ser efetivamente coeso em uma narrativa de ficção científica (NUNNING, 98).

Narrador

O estudo do narrador pode ser situado em uma conexão entre ética e estética.
(NUNNING, p.90)

Um narrador pode ter problemas por envolvimento pessoal, conhecimento limitado, ou por seus esquemas de valores (NUNNING, 94).

Narrador

Quando um narrador é protagonista, é muito importante observar, se isso é informado, onde ele está quando narra. Isso pode delimitar as suas condições de vida durante o processo da narração (PRINCE, 90).

O caso de “Histórias que me conto”: o narrador que apresenta dúvidas sobre o que relata.

CORTÁZAR, Julio. Histórias que me conto. In: ___. *Orientação dos gatos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

implorante e ameaçador. Dilia e Alfonso são amigos que Niagara e eu vemos de vez em quando, vivem em órbitas diferentes e só nos aproxima uma fidelidade dos tempos universitários, a estima por temas e gostos comuns, jantar de quando em quando na casa deles ou aqui, acompanhá-los de longe em sua vida de casal com um bebê e bastante dinheiro. Que diabo tinha Dilia de fazer ali quando a história estava acontecendo de uma maneira em que qualquer moça imaginária sim mas não Dilia, porque se uma coisa estava clara na história era que dessa vez encontraria uma moça na estrada e então aconteceriam algumas das muitas coisas que podem acontecer quando se chega à planície e se pára depois da longa tensão do percurso; tudo tão claro desde a primeira imagem, o jantar com outros caminhoneiros no restaurante do povoado antes da montanha, uma história já nada original mas sempre grata por suas variantes e incógnitas, só que agora a incógnita era diferente, era Dilia que de nenhuma maneira fazia sentido nessa curva da estrada.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: ____.
Texto/contexto. São Paulo: Perspectiva, 1969 . p.93.

“Já não existe um Eu narrador fixo frente a um Eu narrado em transformação; o próprio Eu narrador se transforma constantemente (...)”

CORTÁZAR, Julio. Histórias que me conto. In: ___. *Orientação dos gatos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

“Que diabo tinha Dilia de fazer ali (...)”

Enumeração, emprego de vírgulas (como em Caio Fernando Abreu)

“Dilia que de nenhuma maneira fazia sentido naquela estrada” - ao contrário do narrador de “A paz do lar”, este se mostra surpreendido pela matéria narrada

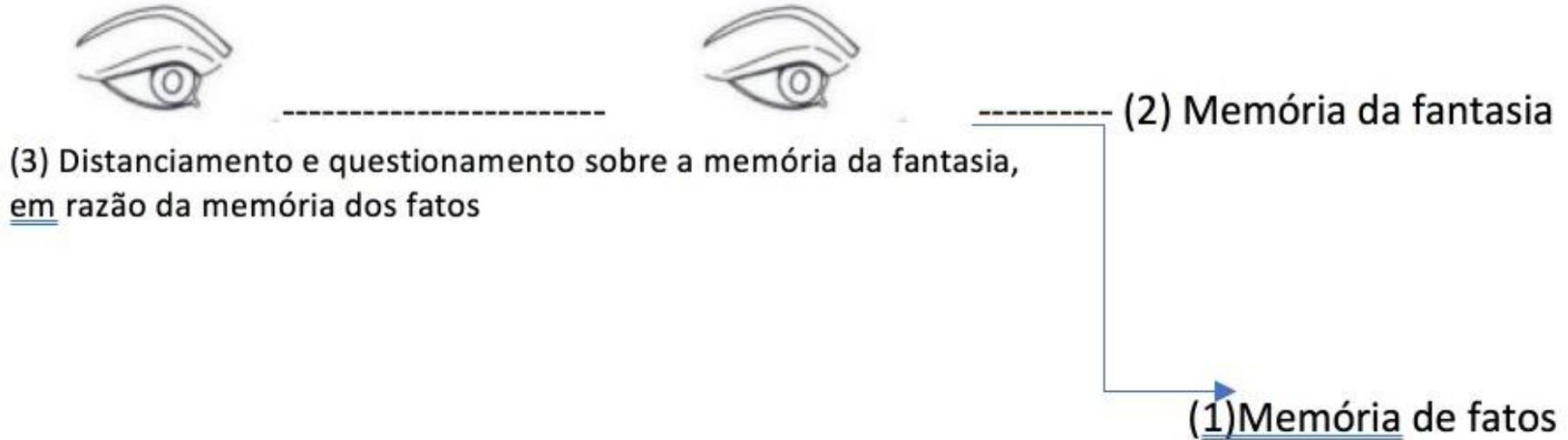
“(...) desde a primeira carícia soube que a história não fizera mais do que começar(...)” - narrador toma conhecimento de elementos de acontecimentos e descobre fatos inesperados

“Só que agora não me resta mais que isso, palavras falando da história (...)” - a distância entre a linguagem e a intensidade da lembrança

CORTÁZAR, Julio. Histórias que me conto. In: ___. *Orientação dos gatos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

- (1) O narrador comenta a amizade com Dilia e Alfonso
 - memória factual
- (2) O narrador observa a estória que imaginou: “o jantar com outros caminhoneiros”
 - memória de uma fantasia
- (3) O narrador expressa estranhamento sobre o que imaginou: “não fazia sentido”
 - distanciamento crítico

A modificação da posição do narrador



Quando o narrador assume a posição de distanciamento, questionando a própria memória, ele rompe a linearidade da narração, e recua para uma posição diferente, na qual observa a sua própria percepção. Theodor Adorno, no ensaio “Posição do narrador no romance contemporâneo”, aborda a “variação da distância estética”.

CORTÁZAR, Julio. Histórias que me conto. In:__. *Orientação dos gatos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

“(...) apesar de que seja eu quem decide na história, chega um momento em que não tenho mais forças e sequer vontade de

fazer durar algo que depois do prazer começa a escorregar para a insignificância, aí onde se deveriam inventar alternativas ou inesperados incidentes para que a história continuasse viva em vez de me deixar levar ao sonho com um último beijo distraído ou um resto de choro quase inútil. Mas Dilia não queria que a história terminasse, desde o seu primeiro gesto quando me deitei junto a ela e em vez do

CORTÁZAR, Julio. Histórias que me conto.

ro gesto quando me deitei junto a ela e em vez do provável eu a senti me buscando, desde a primeira dupla carícia soube que a história não fizera mais que começar, que a noite da história seria tão longa como a noite em que eu estava me contando a história. Só que agora não resta mais que isto, palavras falando da história; palavras como fósforos, gemidos, cigarros, risos, súplicas e perguntas, café ao amanhecer e um sono de chuva pesada, de relen-

Narrador

A escrita pode ser constituída por diferentes óticas: “perspectiva aristocrática, ou burguesa, ou popular; perspectiva religiosa ou leiga (...) determinista ou indeterminista (...)” (BOSI, p.279).

“Os dois reis e os dois labirintos” - perspectiva religiosa

“Histórias que me conto” - perspectiva indeterminista

Um narrador pode ser “indigno de confiança” no sentido de que ele pode contrariar a percepção de uma obra em acordo com convenções (DAL FARRA, p.38-39). - “Os obedientes” em seu início